

La Comédiathèque

Há um autor na sala?

Jean-Pierre Martinez

Tradução de
João Bartolomeu Amorim

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**

<https://comediathèque.net>

Há um autor na sala?

Jean-Pierre Martinez

Tradução de João Bartolomeu Amorim

Passaram sete anos desde que todos os teatros foram encerrados devido à crise sanitária. Três presumíveis actores chegam ao palco para um casting.

A menos que se trate de uma leitura pública. Ou mesmo a estreia do espectáculo... O problema é que eles não têm o texto da peça. O autor ainda não o escreveu. Vamos ter de improvisar...

Personagens

Fred : atriz/actor

Max : actor /atriz

Sam : atriz/actor

Jacky : autor/autora

*Os quatro personagens ou são homens ou mulheres.
Neste versão, Max e Jacky serão homens, Fred e Sam mulheres.*

O palco está vazio. No auditório, é reservado um lugar na fila da frente, com um pedaço de papel no qual está escrito “crítico”. Jacky, o alegado crítico, chega em último lugar, andando de muletas, com um ar bastante indisposto e mais velho do que realmente é. Pode estar a usar uma barba falsa e óculos. Ele toma o seu lugar. Chega a Fred. Ela olha à sua volta com hesitação.

Fred – Bem... Não se preocuparam com o conjunto... Outra produção de baixo orçamento. Desde que possam pagar aos actores... Podiam ter-nos oferecido um café, pelo menos... *(Ela vê a audiência.)* Desculpem... Não sabia que era em público... Desculpem, eu... Só me falaram disso ontem à noite e... *(Um pouco embaraçado)* Aparentemente, sou o primeiro... Para além de vocês, claro... *(Pausa)* Estão à espera há muito tempo? Não se preocupem, os outros devem chegar em breve... Espero que sim... *(Ela continua a andar pelo palco, tentando encontrar uma forma de se conter.)* Não, mas podem continuar a conversar entre vocês enquanto esperam... O espectáculo ainda não começou realmente... Não se importem comigo... E eu... Fingirei que não estão aqui. Como se a peça já tivesse começado. Chama-se a quarta parede, sabiam disso? O lado onde se encontra a audiência. Portanto, fingimos que não há ninguém na sala. Sabemos que há pessoas a observar-nos, porque já pagaram por isso, mas... Imagino que não tenham pago... *(Max chega por sua vez, mas Fred não o vê imediatamente, e ouve o seu solilóquio, um pouco surpreendido.)* É uma convenção. O actor sabe que há pessoas sentadas em frente ao palco, mas a personagem age como se fosse uma parede, e evita olhar para o público... E para falar com eles, é claro. De modo a não quebrar a magia do teatro. A ilusão de que em palco, não são apenas actores a recitar um texto, mas personagens reais a quem acontecem muitas coisas absolutamente fascinantes. É como no cinema, se quiser. O actor não é suposto olhar para a câmara... No teatro, é muito importante respeitar as convenções. Não se deve brincar com eles, senão... *(Um pouco confuso)* Tudo se desmorona...

Max – Olá...

Fred assustasse.

Fred – Desculpa... Não te ouvi entrar.

Max – Não, não, sou eu... Desculpem interromper... Estava a ensaiar as suas falas, suponho eu.

Fred – As minhas falas? Que minhas falas?

Max – O guião para a peça.

Fred – Ah, não, eu...

Max – Mas veio para a audição, não é verdade?

Fred – Sim, sim, vim... Suponho que sim, mas... de momento, não há cá ninguém . Excepto para si e para mim, é claro. E o público...

Max vê a audiência.

Max – Está bem... Portanto, é um casting... em público.

Fred – E porque é uma sessão de casting?

Max – Não foi isso que eles lhe disseram?

Fred – Sim, sim... Bem, disseram-me que era uma leitura, mas ... É a mesma coisa, não é?

Max – Sim, suponho que sim... (*pausa*) Por outro lado... Não me foi dado o texto, pois não?

Fred – Não, a mim também não.

Max – Como sim...? É porque acabei de o ouvir... recitar um monólogo.

Fred – Ah, não... Eu não estava a recitar.

Max – A sério?

Fred – Não, eu estava... Eu estava a improvisar.

Max – Estava a improvisar?

Fred – Bem, na verdade... Estava apenas a falar. Como se faz na vida.

Max – Então, estava a falar sozinho. Foi... um solilóquio, como se costuma dizer.

Fred – Mas não de todo! Estava a falar... para o público.

Max – Claro que sim.

Pausa.

Fred – Então, na sua opinião, quando falo, parece que estou a recitar?

Max – Não sei...

Fred – Deve ser como quando eu recito... Quer dizer... quando digo um texto, como no teatro.

Max – Sim...

Pausa.

Fred – Além disso, eu teria preferido ler o texto antes, não acha?

Max – Sim... eu também.

Fred – Enfim... somos profissionais, não somos?

Max – Claro...

Pausa.

Fred – E... quantos somos?

Max – Desculpe?

Fred – Na peça! É uma peça com quantos personagens?

Max – Pelo menos dois, de qualquer forma.

Fred – Sim, claro... Você e eu...

Pausa.

Max – Três, penso eu.

Fred – Foi o que eu também entendi, sim. Três personagens...

Max – Então estamos apenas à espera... do terceiro homem.

Fred – Ou a terceira mulher.

Max – Sim... Não, foi apenas uma alusão ao filme.

Fred – É para um filme? Pensei que era para uma peça de teatro...

Max – O filme... O Terceiro Homem...

Fred – Ah, sim... O... O filme. Desculpe, não estou muito desperto...

Max – Eu também, fazia-me bem um café.

Silêncio, um pouco embaraçoso.

Fred – A reunião será com o encenador, suponho eu.

Max – Imagino que o autor também lá estará.

Fred – Provavelmente... Pelo menos na primeira leitura da sua peça.

Max – O produtor também, provavelmente. E eles decidirão em conjunto. Sobre o casting, digo eu..

Pausa.

Fred – Acha que existem outros candidatos? Se for um casting...

Max – Não sei...

Fred – Pareceu-me que hoje era mais uma leitura.

Max – Ou talvez... eles já tenham decidido que seremos nós.

F r e d – Ficaram provavelmente impressionados com a nossa experiência profissional...

Max – Ou talvez não tenham conseguido encontrar outros candidatos.

Chega o Sam.

Sam – Olá! Vim para a leitura.

Fred – Ah, então sabe que se trata de uma leitura!

Sam – Não estou muito atrasado, espero...

Max – Não, não, não se preocupe. Na verdade, até agora, não vimos ninguém.

Sam – OK... *(Ela olha em volta e vê o público, está um pouco surpreendida mas permanece muito confortável)* Olá a todos... Como é que se estão a sair? *(De volta aos seus dois parceiros)* Então, vamos trabalhar juntos...

Max – Assim parece.

Sam – Ótimo.

Pausa.

Fred – Suponho que também não lhe tenha sido dado o guião.

Sam – O guião? Não.

Fred – Talvez eles pensem assim... seremos mais espontâneos.

Sam – Espontâneos?

Fred – Se não soubermos o texto antecipadamente.

Max – Sim, talvez...

Sam – Em qualquer caso, não teremos de o aprender. Isso é sempre bom...

Max – Bem, se formos selecionados, teremos de o aprender eventualmente.

Fred – Sim...

Max – O texto... O texto da peça...

Pausa.

Sam – A propósito, já ouviu falar desta nova aplicação para aprender as suas falas?

Max – *Imparato?*

Fred – O que é isso?

Sam – Carrega-se o texto da peça que se tem de aprender na aplicação, e uma voz gerada por computador dá-lhe a fala.

Fred – Uma voz sintética?

Max – Uma voz artificial...

Fred – Ah, sim...? Não, eu não sabia que...

Sam – Sim, é muito prático...

Max – Desde que tenha um texto para carregar na candidatura, claro.

Fred – Verá que um dia, também irão substituir os actores em palco por robôs com vozes sintéticas.

Max – Isso resolveria definitivamente o problema de ter que pagar aos actores.

Sam – E quando tivermos substituído a audiência por webcams, isso também resolverá o problema do confinamento.

Fred – Acabaram-se os actores, acabou-se o público... Apenas personagens desencarnadas a brincar em frente de câmaras de vigilância.

Max – Como um desenho animado na televisão.

Fred – Sim... Mas mesmo as personagens dos desenhos animados têm um guião. Nós, no momento...

Pausa.

Sam – Não sei o que eles estão a fazer...

Max – Vão acabar por aparecer.

Fred – Espero que sim...

Pausa.

Sam – De qualquer forma, é bom estar de volta ao palco, não é?

Fred – Há tanto tempo que esperamos por isto... Já não acreditávamos mais nisso.

Max – Todos os teatros fecharam durante sete anos... e agora a cortina levanta-se e as luzes voltam a acender-se.

Fred – Como se o sol estivesse finalmente a nascer depois de uma longa noite. Estamos no alvorecer de um novo dia. Uma nova era, talvez...

Os outros dois estão um pouco surpreendidos com este voo lírico.

Sam – Sim... Além disso, está um pouco abafado aqui dentro, não está?

Max – Já para não falar do pó. Podiam tê-lo varrido e arejado um pouco.

Sam – Antes de encontrarmos cadáveres nos camarins e um esqueleto no buraco do ponto...

Um momento de preocupação geral.

Fred – Será que ainda existem, os pontos?

Sam – O que é que eles poderiam dizer para nós... Em qualquer caso, não temos um guião.

Pausa.

Max – Sete anos...

Fred – Vai tudo deixar uma marca, mas bem...

Max – Muita gente não vai superar isso, isso é claro.

Fred – Centenas de teatros falidos, milhares de artistas desempregados, dezenas de milhares de actores forçados a mudar de emprego.

Sam – E obviamente não sabem fazer mais nada.

Max – Aparentemente, este é o único teatro que está mesmo a considerar a reabertura. Todos os outros foram substituídos por negócios essenciais: lojas de bricolage, mercearias de luxo, lojas de animais de estimação...

Sam – Mas nós estamos aqui! Ainda de pé. Mal posso esperar para começar, e você?

Max – Pode apostar.

Pausa.

Fred – Conhece o título?

Sam – O título?

Fred – O título da peça! Não temos o texto mas... pelo menos sabemos o título?

Max – Não...

Fred – Isso ter-nos-ia dado uma ideia do que é a peça...

Max – É isso mesmo. Não temos a menor ideia do que vamos fazer.

Sam – Pessoalmente, não me interessa. Enquanto eu actuar...

Max – Já lá vai tanto tempo... Representamos qualquer coisa. Dos grandes clássicos até... às piores das comédias .

Fred – Sim... Desde que nos dêem um texto... *(Silêncio)* Porque neste momento tenho de admitir que... já não sei realmente o que dizer.

Sam – Eu também não.

Max – Não poderemos continuar com banalidades como esta durante muito tempo. *(Mais baixo, apontando discretamente para a audiência)* Ficarão impacientes...

Sam – Há quanto tempo é que isto começou?

Fred – Ah, mas isto já começou?

Sam – Não, quero dizer... há quanto tempo estamos aqui?

Max – Não sei. Eu diria... cerca de quinze minutos, certo?

Sam – Ainda não é muito tempo, mas...

Pausa.

Max – E quando chegou, viu alguém ou...

Sam – Acabei de ver o porteiro à entrada...

Fred – O porteiro...

Sam – No início ela nem me deixou entrar... Pensei que ia ter de comprar um bilhete para chegar aqui.

Fred – O mesmo para mim. Acho que não nos parecemos comediantes...

Sam – Rostos não famosos, pelo menos...

Max – Verá que em breve terá de pagar para que lhe seja permitido actuar no teatro.

Fred – Ou então, vamos prescindir dos actores e pedir ao público que interpretem eles próprios a peça.

Sam – Ou mesmo escrevê-la ao vivo, em vez do autor.

Pausa.

Max – Então eu não estava a sonhar... eles vendem bilhetes à porta.

Silêncio envergonhado.

Sam – Sim... É verdade que para um casting...

Fred – Ou mesmo para uma simples leitura...

Pausa.

Max – Eu vou ver...

Sam – Vai ver o quê?

Max – O vendedor de bilhetes na recepção! Vou perguntar-lhe o que se está a passar. Não vamos ficar sentados o dia todo à espera como idiotas. Eu não tenho o dia todo, pois não?

Fred – Sim, sim... Claro que sim. Não temos o dia todo...

Sam – OK. Quer que eu vá consigo?

Fred – Não me vai deixar aqui sozinho! (*Apontando para a audiência*) Com eles...

Sam – Isso mesmo... se eles pagaram.

Max – Eu vou...

Max sai. Os outros dois trocam um olhar preocupado. Sam dirige-se à audiência.

Fred – Desculpem-nos... Não deve demorar muito até começarmos...

Sam – Assim que tivermos o guião.

Fred – Lamento perderem o vosso tempo com este... espectáculo dispensável.

Sam – Para não dizer que não irrelevante...

Fred – Somos como vocês, não temos escolha... Estamos à espera...

Pausa.

Sam – Tem outras coisas para fazer?

Fred – Desculpe?

Sam – Ele disse... Eu não tenho apenas isto para fazer, e você disse que eu também não. Tem realmente coisas melhores para fazer do que estar aqui?

Fred – Ah...? Eu... Não... Não tenho mais nada para fazer. *(Pausa)* E você?

Sam – Não...

Fred – Nem ele, suponho eu. Ele acabou de dizer que...

Pausa.

Sam – Não nos conhecemos, penso eu. Será que sim?

Fred – Não... Porquê? Deveríamos...

Sam – Não sei... Estamos no mesmo ramo. Talvez nos conheçamos. De qualquer modo, podemos ter esbarrado um no outro algures. Ou mesmo... estar juntos noutra peça de teatro.

Fred – Não, não me parece.

Sam – Lembrar-nos-íamos.

Fred – Ao mesmo tempo... sete anos a usar máscaras. Já ninguém reconhece ninguém.

Sam – Esquecemo-nos de como eram as caras um do outro.

Fred – Mal me consigo reconhecer ao espelho pela manhã.

Silêncio.

Sam – Há tanto tempo que não podíamos fazer este trabalho.

Sam – Isso é verdade. Devo admitir que...

Sam – Sim?

Fred – Por vezes pergunto-me se ainda o conseguirei fazer.

Sam – Actuar... é como fazer amor, nunca se esquece.

Fred – Fazer amor?

Sam – Ou andar de bicicleta, se preferir...

Fred – Não sei...

Sam – O quê...?

Fred – Não sei se se esquece ou não... Eu nunca andei de bicicleta.

Sam *(surpreendido)* – Não sabe andar de bicicleta?

Fred – Não... e você?

Pausa.

Sam – Nem eu.

Fred – Bem, acho que não temos de saber andar de bicicleta para participar nesta peça...

Sam – Não, provavelmente não...

Fred – Eles teriam dito isso, não teriam? É muito raro que se peça aos actores que saibam andar de bicicleta para actuar numa peça

Sam – E que saibam fazer amor, ainda menos..

Fred – Em todo o caso, nunca me foi perguntado isso.

Pausa.

Sam – Mas sabe nadar?

Fred – Pensa que temos de saber nadar?

Sam – Não, não, acabei de dizer isso.

Fred – Porque devemos saber nadar?

Sam – Não sei... Para não nos afogarmos...

Fred – Sabe nadar?

Sam – Eu não quero responder.

Sam – E o autor, sabe quem ele é?

Fred – Que autor?

Sam – O autor da peça! A peça que estamos a fazer...

Ela dá-lhe um olhar preocupado. Max retorna.

Fred – E então?

Max – Então estamos em apuros...

Sam – O que se passa?

Max – É melhor sentar-se.

Sam – Gostaríamos de o fazer, mas não temos cadeiras.

Fred – Falou com o homem da bilheteira?

Sam – O que é que ele lhe disse?

Max – Nada...

Fred – Nada?

Max – O homem da bilheteira saiu... com o dinheiro dos bilhetes.

Sam – Ela foi-se embora? Sem nos dizer nada?

O Max segura um pedaço de papel.

Max – Ele deixou-nos isto.

Sam – O texto da peça?

Fred – Apenas uma página?

Max – Não é o guião. É uma mensagem. Uma mensagem para nós. Acabei de a ler...

Sam – Vamos ouvi-lo...

Max – Este é um espectáculo que deveria ter sido inaugurado há sete anos.

Fred – Pouco antes de encerrarem todos os teatros e mandarem todos os actores no desemprego...

Sam – E todos os trabalhadores culturais foram forçados a ir para a agricultura.

Fred – E depois?

Max – Desde então, o produtor da peça foi à falência, como muitos outros.

Sam – Oh merda...

Fred – Mas eles vão dar-nos o texto da peça? Para a leitura...

Max – É aí que as coisas se complicam um pouco.

Sam – Complicado? Para quem?

Max – Há sete anos, como o encerramento dos teatros já estava agendado, o autor não se apressou a escrever a peça...

Fred – Bem, agora ele terminou de o escrever.

Sam – Em sete anos, mesmo sem pressas, ele teve muito tempo, não teve?

Max – Sabe como são os escritores... Não costumam ser trabalhadores muito duros. Por isso, quando a pressão está fora...

Fred – Ainda assim... que falta de profissionalismo.

Max – Também para ele, durante todo este tempo, não foi fácil... Acabaram-se as actuações, acabaram-se os direitos de autor...

Sam – E depois?

Max – Acabou por ter uma depressão.

Fred – Então ele não vem?

Max – Por esta altura, ele ainda estaria numa casa de repouso, não sabemos onde.

Sam – Uma casa de repouso... Não foi a escrita desta peça que o deixou muito cansado, em todo o caso....

Fred – Mas isto é uma loucura! Porque convocou actores para um casting?

Sam – E acima de tudo... porque nos escolheu?

Max – O tempo passou... Os três actores inicialmente previstos já não estavam disponíveis.

Fred – Quer dizer... que eles têm outros compromissos?

Max – Se calhar... Um entrou para o exército, o segundo está na prisão, e o terceiro cometeu suicídio.

Fred – OK, então uma mudança de elenco de última hora. Até agora, nada de demasiado extraordinário...

Fred – A questão é... porque é que nos pediram para vir, se não têm nada para representarmos?

Sam – Ou mesmo para nos pôr a ler?

Max (*muito sério*) – É aí que se vai rir.

Fred – Temo o pior.

Max – Não estamos aqui para ler uma peça de teatro...

Sam – Para que estamos aqui então?

Max – Estamos aqui para a estreia!

Os outros dois ficam surpreendidos.

Fred – A estreia?

Sam – Isto é uma piada?

Fred – Porque manteve a data de estreia se a peça ainda nem sequer está escrita?

Max – Bem, até ao último momento, o produtor esperava que o escritor lhe desse o guião a tempo. Por isso venderam os bilhetes...

Fred – Mas isso é uma loucura!

Sam – É, se o autor estiver num asilo de loucos.

Max – Quando perceberam que o autor nunca iria escrever a peça, já era tarde demais.

Sam – Deviam tê-lo cancelado! E reembolsar os bilhetes!

Max – Aparentemente, o produtor preferiu embolsar o dinheiro das receitas...

Fred – Mas ele ainda está a chegar?

Max – É improvável... Ele refugiou-se na Suíça para escapar aos seus credores.

Silêncio.

Sam – E agora o que é que fazemos?

Max – Bem... teremos de improvisar...

Fred – Improvisar? Fomos chamados para uma leitura de uma peça que ainda não está escrita. Disseram-nos que é a estreia, e que teremos de improvisar?

Sam – Vamos embora, sim!

Max – Mesmo isso... Receio que não seja muito óbvio.

Fred – E porquê?

Max – O da bilheteira foi-se embora e trancou a porta atrás dela. Estamos todos fechados neste teatro até ao fim do espectáculo.

Fred – O que quer dizer com o fim do espectáculo ? Que espectáculo?

Max – Todas estas pessoas já pagaram os seus bilhetes. E homem da bilheteira fugiu com o dinheiro. Se não encontrarmos algo de representação para eles, seremos linchados.

Lançam um olhar preocupante na direcção da audiência.

Fred – Tenho a impressão de que já estão a olhar para nós com um olhar estranho...

Preocupação geral.

Sam – Algo para representar para eles? Mas o quê? Se não temos o texto da peça!

Max – Então só temos de inventar...

Pausa.

Sam – Ser autor, isso é uma profissão... E o que poderíamos inventar?

Max – Não sei.

Fred – Improvisação, então?

Sam – Improvisar também é não e fácil! Já alguma vez o fez?

Max – Não...

Fred – Mas, na vida, é isso que nós fazemos, não é? Improvisamos.

Max – Sim, mas não é necessariamente excitante. As pessoas não compram um bilhete para o teatro para ouvir três estranhos a falar sobre o tempo.

Sam – Precisamos de encontrar um tema para começar, e depressa... *(Para Fred)*
Tem uma ideia?

Silêncio. O Fred parece distraído. Os outros dois trocam um olhar embaraçado, antes de se voltarem para ela novamente, à espera que ela responda. Em desespero, Sam respira-se a repetir a pergunta.

Sam – Tem alguma ideia?

Silêncio.

Fred – Lamento imenso, mas deu-me uma branca...

Sam – Uma branca?

Fred – Uma falha de memória! Acontece ao melhor de nós, não é verdade?

Max – Como poderia ter uma falha de memória... uma vez que não temos um guião?

Fred – Oh sim, é verdade, você tem razão...

Max – Pois, sim.

Fred – Então posso dizer qualquer coisa? Não importa o quê?

Sam – É isso que tem feito desde o início, certo?

Fred – Posso realmente dizer alguma coisa que me venha à cabeça?

Os outros dois parecem um pouco preocupados. O Max vira-se para o público.

Max – Olha para eles... Estou certo de que se interrogam se foi tudo escrito...

Fred – Se realmente tenho uma falha de memória...

Max – Se estamos a improvisar...

Sam – Ou se estamos realmente em apuros...

Pausa.

Max – OK, vamos começar por nos apresentar...

Fred – Para quê?

Max – Para ver se há algo nas nossas vidas que possamos usar como base para uma peça de teatro.

Sam – Estou a ver... Algo... que cria o início de uma situação.

Max – Comédia ou tragédia, o que quer que seja.

Sam – Certo...

Fred – Quem é o primeiro?

Olham um para o outro com desconfiança.

Max – É um pouco como uma reunião dos Alcoólicos Anónimos, eu sei...

Sam – Digamos, então, comediantes anónimos... Dado o nosso grau de notoriedade na profissão...

O Max vira-se para Fred.

Max – Quer começar?

Fred – OK... O meu nome é Fred.

Max – Max.

Sam – Sam.

Silêncio.

Max – E para além disso...?

Fred – Não sei... O que é que quer saber?

Max – Se não quer falar de si, fale-nos do seu trabalho.

Fred – O meu trabalho?

Max – O seu trabalho como actriz...

Silêncio novamente.

Sam – Por falar em empregos...

Fred – O quê?

Sam – Tenho uma pequena confissão a fazer.

Max – Estamos a ouvir...

Sam – Na verdade... eu não sou realmente uma actriz.

Fred – Não?

Sam – Digamos que... Acrescentei um pouco mais ao meu CV. E como ninguém quer ser actor hoje em dia... Aparentemente, não eram muito particulares em relação a quem procuravam.

Max – Estou a ver...

Sam – E você?

Max – O mesmo se aplica a mim..

Sam vira-se para Fred.

Fred – Bem, admito que... fiz um pouco mais do que apenas acrescentar-lhe.

Max – O que quer dizer?

Fred – Nunca fiz teatro em toda a minha vida. E quanto a si?

Sam – Esta é a minha primeira vez em palco.

Max – Eu também.

Pausa.

Max – Resumindo, ninguém aqui é actor, e não temos um guião para representar...

Sam – Em breve vamos descobrir que as pessoas na sala também não são espectadores...

Fred – Se eles não são espectadores... quem poderão ser?

Max – Não sei... Há sete anos que ninguém vai ao teatro.

Sam – As pessoas não iam muito antes...

Max – Talvez haja um ou dois espectadores reais, que se reconheçam a si próprios, e os outros são extras...

Sam – Ou mesmo bonecas insufláveis.

Silêncio.

Sam – Isto está a ir um pouco longe demais , não está?

Fred – Sim, está até a ficar um pouco assustador.

Max – OK, comecemos antes pelas nossas vidas. Se não for mais comediante do que eu, tem um emprego a sério. O que é que faz na vida?

Silêncio incómodo.

Sam – Eu não estava a fazer muito antes... por isso com esta crise de saúde.

Fred – Sempre tive dificuldade em arranjar um emprego. Mesmo no teatro... E quanto a si?

Max – Eu também não estava a fazer nada de muito interessante.

Fred – É casado?

Sam – Não.

Fred – Alguma criança?

Max – Não, também não.

Fred – Alguma família? Algum amigo?

Silêncio.

Sam – Que tipo de peça poderíamos inventar, com três pessoas que não fazem nada para viver, que não têm relações sociais nem vida sexual?

Max – Que tal uma bebida, talvez isso nos dê alguma inspiração?

Fred – Sim, já ouvi dizer que a maioria dos escritores são alcoólicos.

Sam – Infelizmente, isso não faz de todos os alcoólicos escritores.

Max – Penso ter visto algumas garrafas nos bastidores.

Vai buscar uma garrafa de vinho, uma garrafa de whisky e alguns copos.

Sam – Preferia ter vinho. Obrigado.

Fred – Whisky, eu preciso dele.

Max serve-lhes e a si próprio um pouco de vinho. Eles bebem.

Sam – Este Barca Velha tem um sabor engraçado.

Max – É xarope de morango. E o whisky?

Fred – É sumo de maçã.

Sam – Isto é um teatro... Tudo é falso...

Max – Sim... A começar por nós...

Fred – Falso?

Sam – Não somos realmente actores...

Max – Ninguém nos conhece.

Fred – Não conhecemos ninguém.

Sam – Então, quem somos nós?

Max – Três personagens em busca de um autor?

Fred – Na peça de Pirandello há seis.

Sam – Acho que a nossa é uma produção de baixo orçamento.

Max – É sobretudo uma produção falhada.

Fred – Isso não nos diz o que podemos estar a representar...

Sam toma outro golo e faz uma careta.

Sam – Não conheço nenhum escritor que tenha encontrado inspiração em xarope de morango...

Pausa.

Fred – Atenção, a nossa situação é bastante engraçada...

Max – Que situação?

Fred – Actores que não são actores...

Sam – Que têm de improvisar uma peça no dia da abertura porque não têm um guião.

Fred – Isto não é muito habitual, pois não?

Max – Não...

Sam – Então já estamos a fazer esta peça e não a conhecemos?

Fred – Porque não?

Max – A questão é o que acontece a seguir.

Fred – Sim, esse é o problema...

Pausa.

Sam – Porque não lhes perguntamos?

Max – A quem?

Sam – Ao público!

Fred – Talvez haja alguém no público que já tenha visto a peça, que nos possa dizer como termina...

Max – Como poderiam eles já ter visto a peça, se é a estreia?

Fred – Ah sim, é verdade...

Max – E especialmente se a peça ainda não foi escrita.

Pausa.

Fred – Mas não foi ontem a estreia?

Max – Talvez... mas não era o mesmo público...

Sam – Isso é verdade... ninguém seria suficientemente louco para ver este espectáculo duas vezes.

Fred – Só para verificar que, nesta improvisação total, dizemos sempre exactamente a mesma coisa.

Silêncio.

Sam – Bem, eu não sei... Se este espectáculo for um verdadeiro naufrágio, eles podem ter uma ideia melhor.

Fred – Uma ideia para quê?

Sam – Uma ideia para uma peça de teatro!

Fred – Perguntar ao público se não tem uma ideia melhor do que o espectáculo miserável que estamos a fazer? Acha mesmo que podemos fazer isso?

Max – Nem sequer devemos falar com eles durante o espectáculo.

Fred – Até temos de fingir que eles não estão lá. Chama-se a quarta parede...

Sam – Por quanto tempo vai continuar a falar sobre a quarta parede? Quem se preocupa com isso?

Fred – Ok, mas... se já nem sequer respeitamos os códigos do teatro.

Sam – O espectáculo ao vivo morreu há sete anos! E nós... estamos mortos... é isso que nós somos! Ainda não percebeu?

Fred – Está tudo bem, também não há necessidade de ficar chateado... Mas vamos manter-nos civilizados...

Sam – Desculpe, acho que estamos todos um pouco nervosos...

Max – É verdade que estamos perante uma situação completamente nova.

Sam – E com uma nova situação, novas soluções...

Max – Afinal de contas, nunca se sabe, pode haver um autor na sala...

Fred – Pode sempre perguntar...

Sam – Há um autor na sala?

Eles olham à volta da audiência. No caso de um membro da audiência se apresentar, seja ele ou ela um autor ou não, os actores fingem olhar para ele ou ela com dúvidas, e a linha seguinte permanece inalterada.

Sam – No mínimo... teria de encontrar alguém que pareça ter um pouco de imaginação...

Fred – Não é fácil...

Max (*apontando para um espectador*) – Porque não ele...? Senhor? Ah, desculpe-me por o acordar...

Fred (*apontando para outro espectador*) – Ou ela...?

Max – Pelo menos ela não está a dormir, mas... não parece muito acordada de qualquer maneira.

Sam fala a um terceiro espectador, que faz parte do elenco: o alegado crítico.

Sam – Senhor?

Jacky – Eu?

Sam – Sim, você. Tem uma ideia?

Jacky – Uma ideia? Não...

Sam – Por favor, venha..

Jacky – Ah, não, mas... garanto-vos que não tenho imaginação.

Max – Não nos vai desapontar!

Fred – Venha para junto de nós, não seja tímido.

Sam – Não se preocupe, nós também não somos comediantes.

Jacky – Bem...

Jacky levanta-se com as suas muletas. É claro que tem dificuldade em subir ao palco. Sam ajuda-o um pouco, e Jacky consegue subir ao palco com dificuldade.

Max – Obrigado pelo entusiasmo em participar na escrita ao vivo desta peça que estamos a fazer à sua frente. Você é um salva-vidas...

Os olhos dos três actores voltam-se para Jacky com uma mistura de esperança e cepticismo. Esperam por um momento para que ele diga alguma coisa, em vão. Ele parece bastante indisposto.

Sam – Sim, acho que temos o grande...

Fred – Não seria melhor sentá-lo? Ele mal se aguenta de pé.

Sam – Mas ainda não temos uma cadeira.

Fred – Gostaria de se sentar, senhor?

Jacky olha em volta com um pouco de preocupação.

Jacky – Desculpe-me?

Fred – Ainda por cima é surdo como um poste... Deseja sentar-se?

Sam – Tu é que és surdo, estou a dizer-te que não temos cadeiras!

Jacky – Sentar-me? Ah... não, obrigado. Não vou ficar de qualquer maneira.

Max – Peço-lhe que não nos desiluda. Penso que compreende a seriedade da situação.

Jacky – Sim...

Fred – E poderia ajudar-nos?

Jacky – Eu gostaria, mas... como?

Sam – Para começar... Que tipo de peças gosta de ver no teatro?

Jacky – Uma peça engradada, com piada.

Max – OK... Uma comédia, então. E o que o faz rir, em geral?

Jacky – Não sei... Se eu soubesse antecipadamente o que me faz rir, não me faria rir de todo, pois não?

Sam – Foda-se, temos aqui um nerd, parece...

Max – Se tivesse de escrever uma comédia, sobre o que escreveria?

Jacky – Sobre o quê?

Fred – Quem, então? A sua sogra, por exemplo?

Jacky – A minha sogra? Porque querem que eu fale sobre a minha sogra?

Fred – A sogra é uma personagem recorrente na comédia. Tem de acreditar que uma sogra nos faz sempre rir. No teatro, pelo menos...

Jacky – A minha foi atropelada por uma ambulância. Acha que isso faria qualquer um rir... para além de mim?

Sam – Depende de como se diz...

Max – Não são só as pernas que não funcionam, ao que parece. Ele não parece ter luzes em todos os andares.

Jacky – Ouça, quando vou ao teatro, é para me entreter... E agora pede-me que escreva a peça por si.

Sam – Porque não?

Jacky – Não cabe ao público escrever a peça que vem ver! E já agora porque não executá-la também?

Fred – Tem de admitir que isso nunca foi feito antes!

Jacky – Só se é teatro de vanguarda, então...

Max – Tem razão... Após sete anos de encerramento... é mais como um teatro retrógrado.

Jacky – Posso voltar para o meu lugar agora?

Pausa.

Sam – E agora todos se perguntam se este idiota é um verdadeiro espectador... ou se é um dos actores.

Max – Se estiver a improvisar ou a dizer as suas deixas.

Fred – Mas afinal, na vida, alguma vez sabemos realmente se estamos a improvisar, ou se tudo o que dizemos não foi escrito com antecedência.

Jacky – Oh meu Deus... Isto também não deve ficar demasiado filosófico. *(Apontando para a audiência)* Olhem, estão a perdê-los agora...

Max – Bem, vamos então voltar a algo mais leve. A propósito, diga-me, o que lhe aconteceu? Uma má queda?

Fred – Acha mesmo que se vão rir de uma má queda?

Sam – Uma má queda, talvez não. Mas uma boa piada numa história é sempre motivo de riso, não é verdade?

Jacky – Tentei matar-me ao saltar pela janela do hospital.

Max – Realmente, não tenho a certeza que... É sempre difícil fazer rir as pessoas sobre o suicídio.

Jacky – Como estávamos apenas no primeiro andar, e eu saltei para o telhado da ambulância, só torci o tornozelo.

Sam – Isso é muito engraçado, não é?

Jacky – Será?

Max – E para que foi exactamente hospitalizado?

Jacky – Eu não estive no hospital! Estava a visitar a minha sogra.

Fred – Pensei que ela estava morta...

Jacky – Eu disse que ela tinha sido atropelada por uma ambulância, eu não disse que ela estava morta! Parece que são vocês que não são muito de fiar. Não admira que não se consigam pensar em nada para a vossa peça...

Sam – Ele já está a enervar-me um pouco, não está?

Max – E... porque é que queria acabar com a sua vida? Se não for demasiado indiscreto?

Jacky – É uma longa história.

Fred – Ainda bem que é uma história, é isso que procuramos!

Jacky – Bem, como vêm, a minha sogra acabou de me dizer.

Ouve-se um som crepitante, seguido de uma voz gravada. É a voz de Jacky, mas é difícil de reconhecer.

Voz fora – Boa noite a todos, sou Jacky Ramirez, o autor desta peça que não tive a coragem de escrever. Se estão a ouvir esta mensagem, significa que já passou mais de metade da actuação e vocês ainda não deram cabo de tudo... Muito bem! Infelizmente não posso estar convosco esta noite, mas aguentem-se, o meu coração vai para vocês.. Entretanto, senhoras e senhores, cinco minutos de intervalo. (*Silencio*) É sempre uma coisa boa para descomprimir...

Luz e fim da mensagem.

Fred – Um intervalo? Não era isso que estava planeado...

Max – Se os deixarmos sair da sala, ninguém voltará, isso é claro.

Fred – Então, o que é que fazemos?

Sam – Improvisamos...

Sam tira uma arma de brinquedo do seu bolso, mal imitada, de modo que é óbvio que não é real. Pode também ser uma pistola de flechas.

Fred – Mas, vá lá...

Sam – Senhoras e senhores, por favor permaneçam sentados. Ninguém se mexe.

Momento de hesitação.

Max – Já não é uma representação, é uma situação de reféns...

Jacky – Dá para perceber que é falso, não dá?

Sam baixa a sua arma.

Sam – Isto é um teatro! Tudo é falso...

Max – Excepto os bilhetes...

Jacky – Desculpe-me, mas... quanto tempo mais esta charada vai durar?

Os outros três consultam os seus relógios.

Fred – Não se preocupe, o principal está feito.

Jacky – Tenho de chegar a casa antes do recolher obrigatório.

Max – Pensei que o recolher obrigatório tinha acabado?

Jacky – Sim... mas a minha sogra decidiu estendê-lo até nova ordem. Numa nota pessoal... O que pensa?

Fred – Eu diria... meia hora, não achas? Para que o público ainda possa sentir que já valeu o seu dinheiro.

Sam – Penso que esta vai ser a mais longa meia hora da minha vida...

Max – O que estávamos a dizer? Ah sim, você estava a falar-nos da sua tentativa de suicídio. Então, falhou...

Jacky – Sim... Senti realmente a falta de tudo na minha vida. Até o meu suicídio... É o que a minha sogra me diz sempre...

Sam – Ainda acho que há algo a fazer com aquela sogra, não achas?

Jacky – Essa foi a minha segunda tentativa...

Fred – Conhece o ditado?

Jacky – Que provérbio?

Fred – Não há duas sem três! Tenho a certeza de que a próxima vez será a altura certa... *(Os outros dão-lhe um olhar reprovador.)* Quer dizer... há sempre uma luz ao fundo do túnel, não há?

Jacky – Sim... Quando se está morto, dizem eles.

Sam – E a primeira vez, saltou do rés-do-chão, ou...

Jacky – A primeira vez, escolhi o gás... mas como tinha sido cortado no dia anterior.

Fred – Isso é realmente desumano. Cortar o gás assim sem aviso prévio, a pessoas pobres que não têm outra forma de acabar com as suas vidas...

Max – E o que é que faz na vida? Porque é estranho... o seu rosto é estranhamente familiar... e a sua voz soa familiar.

Sam – Sim, a mim também... Sinto-me como se já tivesse ouvido essa voz algures .

Fred – Num teatro talvez?

Jacky – É possível, eu sou... Bem, eu estava...

Sam – Sim?

Jacky – Crítico de teatro.

Fred – Crítico?

Jacky – Não tive oportunidade de praticar durante sete anos, mas...

Max – E veio para rever este programa?

Jacky – Para que isso acontecesse, a peça teria de ser escrita, certo?

Sam – Sim, claro...

Max – Então, de facto, o único no ramo aqui é você?

Jacky – Sabe... quando se é crítico, é porque não se sabe fazer mais nada.

Sam – Tudo na mesma... Ao criticar peças que pensa serem más, provavelmente sabe escrever uma boa peça, não sabe?

Fred – É verdade que ter o crítico a escrever directamente a peça é muito mais seguro.

Jacky – Bem, acho que vou deixá-los agora. Liguem-me quando tiverem um espectáculo a sério para mim.

Ele tenta sair, caminhando dolorosamente com as suas muletas. Max bloqueia o caminho.

Max – Nem pensar!

Jacky – O quê?

Max – Revista-o!

Fred – O que é que se passa consigo?

Max – Tenho a certeza que ele está a mentir. Quero ver os seus documentos.

Jacky – Que se lixe...

Max tira a arma da mão de Sam e aponta-a para Jacky.

Max – Vai dar-me os seus documentos ou não?

Jacky – OK, aqui está.

Ele possui o seu cartão de identificação. Max agarra-o, e examina-o.

Max – Jacky Ramirez... Eu sabia...

Fred – Jacky Ramirez?

Max – Ele é o autor desta peça que ainda não está escrita.

Sam – É claro... Essa era a sua voz, naquela mensagem gravada!

Fred – E ele tem a lata de vir ver-nos a ser afundados!

Sam – O assassino regressa sempre ao local do seu crime.

Max – E o autor assiste sempre à noite de abertura das suas peças.

Fred – Mesmo quando não teve a coragem de as escrever.

Jacky larga as suas muletas, retira a sua falsa barba e óculos, e começa a andar normalmente, de repente em grande forma. Ele parece uma pessoa completamente diferente, mais jovem.

Jacky – OK, admito, é tudo culpa minha... bem quase.

Sam – Quase? Dê-nos uma razão pela qual não enforcemos neste momento na cortina do palco.

Jacky – Todos os teatros estão fechados há sete anos! Pensei que a peça nunca seria representada! Então, qual é o objectivo de a escrever?

Max – De qualquer forma, estamos a mantê-lo connosco. Se vamos ser linchados pelo público, você ficará connosco.

Sam – Mas talvez tenha uma ideia de como nos livrar disto? Afinal de contas, o autor é você... O seu trabalho é ter ideias, não é?

Jacky – Se pensa que as ideias chegam até si.

Max – Então, não tem nenhuma?

Jacky – Nem uma única.

Fred – A bola e a corrente...

Max – Então o que sugere?

Jacky – Não sei... Uma criação colectiva?

Sam – O que é isso?

Jacky – Já estava muito na moda há sete anos atrás. Acabou-se o autor. Nem sequer um director. Mas todos contribuem para a escrita da peça: os actores, os técnicos, o director de cena, o pronto-socorro... Até mesmo o porteiro e os contínuos.

Sam – Qual é o objectivo?

Jacky – Principalmente? Poupa nos custos...

Fred – E funciona?

Jacky – Não é frequente, mas... acontece.

Max – Não é fácil.

Jacky – Confiam em mim ou não?

Sam – Não. Mas, temos realmente uma escolha...?

Jacky – Vou buscar uma caneta e papel para escrever as ideias de todos e vamos começar imediatamente, OK? Vou aproveitar a oportunidade para guardar isto... Os acidentes acontecem tão rapidamente...

Tira a arma das mãos do Max e sai. Os outros três olham uns para o outros, preocupados. Silêncio.

Fred – Acham que ele vai voltar?

Max – Nunca o devíamos ter deixado ir...

Sam – Vou ver se ele não vai aproveitar a situação e fugir...

Fred – Ele tem uma arma, não sei se isso é sensato?

Sam – Acha que ele nos pode matar?

Fred – Não seria a primeira vez que um autor se livrava das suas personagens porque percebeu que não podia fazer nada com elas...

Max está prestes a sair quando ouvimos, como se no início de uma peça, a série de golpes rápidos com um pau no chão, seguidos dos três últimos, mais lentos. O primeiro e o segundo são ouvidos. A terceira é um estrondo. Os outros três estão atordoados.

Fred – Soou como um tiro, não soou?

Sam – Eu vou.

Max – Eu vou convosco.

Eles saem.

Fred – Oh, meu Deus... Talvez seja melhor eu também sair enquanto eles estão fora... E aconselho-os a fazer o mesmo.

Ela começa a afastar-se, mas o seu caminho é cortado pelos outros dois que regressam carregando o suposto cadáver de Jacky.

Fred – O que é isso?

Max – É o autor.

Fred – Não tem bom aspecto...

Sam – Ele está morto.

Fred – Mas o que aconteceu?

Max aponta para a arma que Jacky ainda está a segurar.

Max – Aparentemente, deu um tiro na cabeça.

Sam – Tinha razão... A terceira é de vez ...

Fred – Não, mas agora está na sala, ou...?

Max – Confesso que não tenho a certeza...

Fred – E tem a certeza de que ele está morto?

Sam – Ele suicidou-se, digo-vos eu!

Fred – Não sei quem vai ser o próximo... Porque este programa está cada vez mais parecido com um suicídio em massa.

Fred examina a arma.

Fred – É uma arma de teatro. É plástico...

Max examina a ferida, coloca o seu dedo na têmpora coberto com magma vermelho, e depois leva o seu dedo à boca.

Max – É compota de framboesa...

Fred aproxima-se e repete os mesmos gestos.

Fred – Eu diria que é cereja...

Max – Então ele não está realmente morto.

Sam – No teatro, enquanto se fizer de morto, está morto.

Max – Então, quem vai escrever a peça?

Silêncio.

Fred – Não há forma de o trazer de volta à vida?

Sam – Com um pouco de whisky, talvez...

Fred – É sumo de maçã.

Max – Mas ele não está realmente morto.

O Max obriga-o a beber directamente da garrafa. Jacky recupera a consciência.

Jacky – O que é que se passa? Onde estou?

Sam – No palco. Encontra-se numa peça de teatro que ainda não escreveu.

Fred – A audiência está ali, à espera que finalmente digamos algo interessante.

Jacky parece estar horrorizado.

Jacky – É um pesadelo...

Max – Tal como você diz...

Jacky levanta-se e dirige-se à audiência.

Jacky – Desculpem, esta é uma peça muito má, eu sei. O pior da minha carreira, sem dúvida...

Fred – Podemos ainda chamar-lhe uma peça de teatro...?

Jacky – Também têm de me compreender. Sete anos... Pensei que a actuação ao vivo estava definitivamente morta.

Fred – Mas não, está de novo a erguer-se das cinzas.

Jacky – O teatro talvez, mas eu... Receio não ter mais nada a dizer...

Sam – Bem, quem se preocupa com os seus sentimentos? Estamos aqui para salvar as nossas peles. E sem uma boa história, nós não existimos!

Jacky – Desculpe... Não consigo pensar em nada neste momento...

Max – Se não tiver mais inspiração... explique-nos como escrever uma peça de teatro então, e nós vamos conseguir!

Jacky – Também não é uma receita! É como... como fazer maionese.

Sam – Ainda assim, há alguns truques do ofício de autor que nos poderia dar.

Jacky – Dizem que para escrever uma boa peça, basta deixar falar as suas personagens...

Sam – Mas...?

Jacky – As personagens ainda têm de ser interessantes! Mas você é totalmente incoerente...

Sam – Vai ser culpa nossa agora... Mas ele vai tê-la se continuar assim.

Fred – Então é isso... Somos personagens sem autor...

Max – Criaturas sem um criador.

Sam – Pelo menos estamos livres.

Max – Sim... mas teremos de encontrar uma razão para existir por nós próprios se quisermos continuar vivos.

Fred – Um pouco como a Humanidade em geral, no final, órfã do seu criador, condenada a gerar-se a si própria... e sem saber o que fazer com a sua liberdade.

Jacky – Tendes razão... A vida é um teatro... Deus está morto... e eu próprio não me sinto muito bem.

Um momento. Os seus olhos encontram-se.

Fred – Acha que esta poderia ser a ideia da peça?

Sam – Três actores convocados para ler uma peça de teatro que ainda não foi escrita...

Jacky – Sim, porque não? Acho que estamos à beira de algo...

Fred – Então é isso, está a começar?

Max – Eu diria que está a acabar, não é assim?

Sam – Digamos que é o fim do princípio.

Fred – Ou o início do fim...

Jacky – Bem... Então já não precisam de mim?

Max – Pode sempre ficar e tomar notas...

Jacky tira um caderno e um lápis do seu bolso e começa a escrever.

Fred – Tenho a sensação de que vamos ser um êxito.

Sam – Ou um fracasso, ou o que quer que seja. Vamos apenas improvisar!

Fred – Sete anos de intervalo... Acabaram-se os teatros, os actores, os escritores...

Sam – Mas o espectáculo prossegue.

Jacky – Desde que haja espectadores!

Escuro

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação pública fica sujeita a autorização junto da SACD.

Para aqueles que desejam apenas ler estas obras ou que preferem trabalhar o texto a partir de um formato livro tradicional, uma edição em papel mediante pagamento, pode ser encomendada no site Amazon, a um preço equivalente ao custo de uma fotocópia deste arquivo.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Gay friendly
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
Pequeno homicídio sem consequências
Quarentena
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas
ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Paris – Maio 2022
© La Comédiathèque – ISBN 978-2-37705-631-6

Documento para download gratuito